

## DA OBSERVAÇÃO À PRÁTICA EFETIVA: DESAFIOS E APRENDIZADOS DURANTE A FORMAÇÃO DOCENTE

### FROM OBSERVATION TO EFFECTIVE CHALLENGES AND LEARNING DURING TEACHER EDUCATION

Victória Soares Cardoso de Andrade  
Universidade Federal de Campina Grande  
victoria.soares@estudante.ufcg.edu.br

Denise Lino de Araújo  
<https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>  
Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino  
Universidade Federal de Campina Grande  
denise.lino@professor.ufcg.edu.br

**Resumo:** Esse relato abarca as reflexões sobre a importância da experiência de estágio na formação docente. A experiência relatada ocorreu no primeiro período de retorno às aulas presenciais, em uma turma do 7º ano de uma escola pública do estado da Paraíba. Apresento<sup>1</sup> aqui, de forma detalhada, o meu período de observação e três semanas de prática docente, sem supervisão presente em sala de aula. Fundamentada em Diniz-Pereira (2011), pontuo a importância desse período no nosso currículo. Apresento também a abordagem utilizada, que se apoiou na *gamificação* (JAPIASSU; RACHED, 2020) como método de reflexão e fixação do conteúdo, neste caso, acentuação gráfica e o gênero conto, descrevendo o desenvolvimento dos jogos, sua aplicação e a receptividade dos alunos a esse método de ensino. No fim, comento alguns dos desafios enfrentados durante o processo, que metodologia se mostrou mais eficaz ao meu ver, e, os principais aprendizados dessa experiência de formação docente.

**Palavras-chave:** Experiência de estágio. Prática docente. Aprendizados.

**Abstract:** This report covers the reflections on the importance of the internship experience in teacher education. The reported experience took place in the first period of return to classroom teaching, in an elementary class of a public school in the state of Paraíba. I present here, in detail, my observation period and three weeks of teaching practice (without classroom supervision), as well as the approach used, which relied on *gamification* (JAPIASSU; RACHED, 2020) as a method of reflection and fixation of the content, in this case, accentuation and the short story genre. At the end, I comment on some of the challenges faced during the process, which methodology proved most effective, and the main lessons learned from this teacher training experience.

**Key-Word:** Internship experience. Teaching practice. Learning.

---

<sup>1</sup> Este relato está escrito em primeira pessoa do singular em respeito, e como forma de destaque, a atuação da primeira autora como estagiária. Ela desenvolveu a experiência ora descrita, que foi orientada e discutida a cada passo com a segunda autora.

## Introdução

O presente relato diz respeito ao estágio obrigatório de língua portuguesa no ensino fundamental, ocorrido no período 2021.2 da Universidade Federal de Campina Grande, entre os meses de maio e julho, em uma turma do 7º ano em uma escola estadual.

Devo ressaltar o fato de estarmos no primeiro período com aulas presenciais, depois de dois anos de forma remota por conta da pandemia do COVID-19. Durante o período de estágio, eu fui acompanhada por duas professoras. Selma<sup>2</sup>, a primeira, me acompanhou no período de observação. Ela ingressou na escola durante o período pandêmico, e também estava tendo sua primeira experiência presencial com aqueles alunos.

Alice, a segunda professora, já estava na escola há alguns anos, porém nos últimos anos vinha exercendo dois papéis na escola: professora das turmas entre 9º e ensino médio, e coordenadora geral da escola. Ela passou a me acompanhar no estágio após algumas mudanças na escola, quando assumiu integralmente os horários, após a saída da Profa. Selma. Isso ocasionou um choque de horário entre as turmas para as quais ela já dava aula e as 3 novas turmas que ela iria assumir, 6º, 7º e 8º ano.

Mediante o choque de horário, o estágio não teve uma supervisão presente em sala na maioria dos momentos, algo que será detalhado mais à frente neste relato. Esse fator ocasionou algumas complicações para o exercício da docência, mas que conseguiram ser contornadas, graças ao meu empenho, a flexibilidade para replanejar e a ajuda de minha orientadora.

Através desse relato, espero demonstrar para outros alunos no processo de graduação o quão enriquecedor é o período de estágio, e como este período ajuda a nos definirmos como futuros professores. O estágio é um momento decisivo no curso, já que nos introduz no nosso futuro mercado de trabalho sem cobranças muito grandes. Idealmente, deve contar com um tipo de supervisão para nos guiar nesse processo.

A prática do estágio serve para transmitir ou desenvolver os saberes através da relação entre os pares de professores em exercício, em comunhão com a experiência cotidiana. Segundo Tardif (2002, p. 32 apud DINIZ-PEREIRA, 2011, p. 215) “É através das relações com os pares e, portanto, através do confronto entre os saberes produzidos pela experiência coletiva dos professores, que os saberes experienciais adquirem uma certa objetividade”. No meu caso, embora a troca de experiência entre pares durante a regência das aulas não tenha ocorrido, o estágio não se tornou menos proveitoso.

Esse relato demonstrará isso em cinco partes. Na primeira, apresento um pouco da escola onde ocorreu o estágio. Na segunda, descrevo o período em que observei a turma. Na terceira, relato o período em que efetivamente dei aulas para a turma do 7º ano. Na quarta, apresento a abordagem que decidi seguir para refletir sobre conteúdo. Por fim, na quinta sintetizo aprendizagens que tive ao longo do percurso.

## 1 Informações sobre a escola

A prática do estágio aconteceu em uma escola estadual, situada em um bairro da zona oeste da cidade. A mesma dispõe de seis salas de aula, uma biblioteca, uma quadra fechada, chamada de auditório e uma quadra aberta, para as aulas de educação física. A

---

<sup>2</sup> Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, foram criados nomes fictícios para as docentes.

escola atende alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano, do Ensino médio, 1º ao 3º ano, e seis turmas do EJA. Funcionando com o EM pela manhã, o EFII e uma turma do 1º ano no turno da tarde, e o EJA no turno da noite, com cerca de 380 alunos no total. A atuação do estágio se deu na disciplina de Língua Portuguesa, primeiramente com a supervisão da professora Selma, no período de observação, e posteriormente com a professora Alice no período de prática.

O período de observação ocorreu na turma do 7º ano, de 09 de maio até 17 de junho de 2021, logo após a escola entrou no período de férias. O período de prática, também nessa turma, se deu do dia 11 de julho, dia do retorno às aulas, até dia 29 de julho, abrangendo, assim, parte do 2º bimestre. As aulas ocorreram nas segundas (terceira e quarta aulas), quintas (primeira e segunda aulas) e sextas (primeira e quarta aulas), totalizando seis aulas semanais. Ao todo, foram ministradas 17 aulas, de 45 minutos quando situadas antes do intervalo e 40 minutos quando depois.

A escola me recepcionou imensamente bem, durante o intervalo das aulas eu me reunia na sala dos professores com eles, que sempre me perguntavam como eu estava indo e comentavam sobre as dificuldades que eles tiveram. A escola também me deu bastante autonomia no controle da turma. Para a escolha dos assuntos abordados na parte prática, a professora Alice sugeriu três assuntos (Acentuação /Pontuação, Pronomes e Adjetivos), contudo, me deixou livre para a escolha exata do quê e como seria trabalhado o assunto.

## 2 Período de observação

A turma tinha em média 35 alunos, mas nem sempre todos compareciam à aula. A faixa etária da turma era entre 11 e 13 anos, porém oito desses alunos estavam fora dessa etapa inicial da adolescência. Em um primeiro momento, a turma me recepcionou muito bem, então pude observar com atenção as dinâmicas entre os alunos, perceber quem fazia as atividades, quem era mais calado, quem “quebrava” a ordem da sala, quem demandava mais atenção, e quem realmente não queria participar da aula.

Como mencionado, o período de observação não teve muitas complicações. Eu sempre me sentava nas últimas cadeiras, com o propósito de ter uma vista melhor da turma. A sala estava sempre bem organizada, a não ser quando havia atividades com o livro didático (LD)<sup>3</sup>, pois quase metade da turma não o possuía, trazendo a necessidade de se trabalhar em duplas e em alguns casos trios.

Desde o início, a professora Selma fez questão de me integrar à turma, solicitando que eu ajudasse os alunos com dúvidas ou copiasse no quadro. Durante as observações, percebi que a professora gostava de aproveitar o espaço da escola, levando-os para o auditório ou para a biblioteca, o que gerava, às vezes, uma maior participação.

Em uma dessas ocasiões, foi feita uma roda de leitura, na qual os alunos divididos em dois grandes grupos se revezavam para ir até a biblioteca e escolher um livro, que posteriormente teria sua história compartilhada com a turma. Um grupo foi com a professora e o outro comigo, eu fui aconselhada a escolher um livro e participar do compartilhamento depois (Figura 1).

Ao longo desse período, também observei problemas de indisciplina com alguns alunos, como uso de fone de ouvido durante a aula, pois era algo proibido na norma da escola. Também presenciei em alguns momentos alunos serem retirados de sala por não cumprirem o horário. Em algumas ocasiões, logo no início da observação e com a

<sup>3</sup> Se Liga Na Língua - leitura, produção de texto e linguagem - 7º Ano. MODERNA – DIDÁTICOS.

professora presente na escola, eu fiquei a sós com a turma, o que caracterizo como uma experiência agradável.

Próximo ao fim das observações, a professora Selma acabou adoecendo e eu “guiei” algumas aulas sem acompanhamento: o assunto (conto) e a forma de ensino (escrever a atividade no quadro e esperar eles respondessem) foram ditados pela professora Selma para que eu apenas os replicasse, o que tornou a experiência completamente diferente da primeira. Os alunos não me respeitavam como autoridade.

Figura 1. Momento em que compartilhei meu livro na roda de Leitura.



Fonte: dados do relatório de estágio

### 3 Período de prática

No momento da prática, houve a mudança da professora-supervisora, pois a Profa. Selma acabou se ausentando da escola, passando o comando das turmas para a Profa. Alice. A mudança causou certa turbulência na sala, uma vez que a professora Alice era conhecida por eles como coordenadora, mas nunca havia dado aula para eles e não conhecia tão bem a turma.

O período de regência do estágio começou oficialmente com a volta às aulas, durou ao todo 3 semanas, com 6 aulas por semana. A partir das opções sugeridas pela professora Alice, agora responsável pela turma, eu optei por trabalhar acentuação gráfica em conjunto com a leitura de contos, algo que eles haviam começado a ver com a outra professora.

Inicialmente, eu havia pensado em também trabalhar o assunto “pontuação”, mas devido ao ritmo da turma não foi possível, então, optei por trabalhar apenas dois conteúdos, porém de forma mais profunda. Nesse caso, os assuntos se complementavam, uma vez que acentuação/entonação é algo importante para a leitura oral de textos, modalidade esta, requerida por um gênero literário tão acessível a alunos do 7º ano.

Por ficar a maior parte do tempo sem supervisão na sala de aula, por conta do choque de horário que estava afetando o trabalho da Profa. Alice, e por estar sendo sempre surpreendida em relação a como a turma recebia o assunto ou as mudanças de horário que poderiam haver na escola, não foi possível planejar uma sequência didática ou uma unidade temática. Através das reuniões com a minha orientadora de estágio íamos planejando aula a aula. Essa falta de uma supervisão em sala foi algo que

dificultou muito a experiência, tanto por eu não ter uma experiência prévia, como pela turma que tive de administrar, os oito alunos fora da faixa etária e que não me viam como *figura de respeito*. Como já mencionado, houve a troca de professoras no comando da turma e com isso a estabilidade da turma também foi alterada. Felizmente, a orientadora se fez presente nesse processo, me ajudou na elaboração das atividades e me tranquilizou em muitos momentos.

Ao todo foram ministradas 17 aulas, divididas em 9 aulas dedicadas à acentuação e 8 dedicadas ao gênero conto. No início, os alunos não estavam tão participativos, estavam muito barulhentos. Por conta das dificuldades com a maior parte deles, eu optei por trazer abordagens diferentes para o conteúdo, trazendo jogos e modos alternativos de apresentar o conteúdo, como apresentar um conto em sua versão de áudio. Isso se mostrou produtivo e, ao longo das aulas, fui conseguindo trabalhar cada vez melhor com a turma. De forma mais detalhada, irei apresentar, a seguir, o meu período de prática dividido em 3 blocos, separando, assim, por semanas a experiência realizada

### 3.1 Primeira semana

Por conta da troca de professoras, a dinâmica da turma se transformou, chegando a parecer outra turma. Nas primeiras aulas (de 11 a 15), houve uma dificuldade da minha parte para conseguir “conter” os alunos, eles não estavam tão participativos, estavam muito barulhentos. Apesar das interrupções, o conteúdo sobre acentuação, que é relativamente fácil e pouco extenso, foi passado, porém acredito que não foi totalmente absorvido. Apesar do tema ser recomendado pela BNCC para as turmas do 6º ano, eu segui o assunto que a professora havia recomendado. Esse conteúdo não estava presente no LD, por tanto utilizei ferramentas diferentes, como copiar o assunto no quadro. Por perceber a falta de entusiasmo da maior parte dos alunos, eu procurei trazer um jogo para abordar esse conteúdo. Um jogo de tabuleiro que eu mesma desenvolvi e que será detalhado no próximo tópico.

Na quinta (14), antes do jogo, eu conversei com a turma sobre o comportamento, como sugerido pela minha orientadora, estabeleci algumas regras e só depois nos dirigimos para o auditório para dar início ao jogo (Figura 2), que será comentado mais detalhadamente no tópico seguinte, pois aqui focaremos na dinâmica da turma durante essa atividade. Desde o início, os alunos já demonstraram empolgação para sair da sala. Durante o jogo, tivemos mais de um problema com uma mesma equipe, dois integrantes do grupo insistiam em tentar trapacear, trocando de ordem as peças no tabuleiro. As outras equipes estavam indo muito bem, todas estavam participando, o momento que mais me surpreendeu foi que até na “prenda” que aparecia no jogo eles estavam se divertindo.

Infelizmente, próximo ao fim do jogo, eu tive que retirar uma das equipes, por atrapalhar muito o andamento da experiência, e, por conta da duração da aula, optei por encerrar o jogo mesmo sem nenhum deles ter chegado ao fim do tabuleiro, visto que era muito grande. Na aula seguinte, perguntei se eles haviam gostado do jogo e as respostas foram positivas, a única reclamação foi quanto à demora até chegar na vez de cada um deles novamente.

Na sexta (15), realizei um exercício simples com os alunos, utilizando um texto do LD, no qual eles tinham que separar palavras em Oxítonas, Paroxítonas e Proparoxítonas, para averiguar se através do jogo eles tinham absorvido melhor o conteúdo. Apesar do exercício seguir um caminho mais tradicional e sistemático, foi notável que a maior parte deles se empenhou mais para responder.

### 3.2 Segunda semana

A semana seguinte (de 18 a 22) era semana de prova na escola, o que me pegou um pouco desprevenida, uma vez que eu não havia sido informada antes. Todas as provas aconteciam depois do intervalo, então, como nas segundas e nas sextas as aulas ficavam divididas pelo intervalo, a professora solicitou que eu utilizasse a minha primeira aula da segunda (18) para fazer uma revisão com eles sobre o conteúdo acentuação e logo depois aplicasse a prova. No geral, a turma teve um saldo positivo, uma boa parte da turma conseguiu ficar acima da média.

Na aula da quinta (21), com intuito de aproximar os alunos do gênero conto antes de uma conceitualização, eu optei por fazer, primeiro, uma atividade de reconhecimento. Eu levei o conto “Testemunha Tranquila” de Stanislaw Ponte Preta, narrado por Iara Abbud, encontrado em formato de vídeo no *Youtube*. Os alunos foram levados para a biblioteca, onde havia uma caixa de som e, por ser afastada das outras salas, era um espaço mais silencioso, além da atmosfera da sala, cercada por livros, com mesas redondas, também ajudava na imersão do conto (Figura 3). Nas primeiras vezes, quando eles ouviram o conto houve certa estranheza, eles diziam não entender, diziam que a narradora falava “engraçado”, uma vez que ela lia de forma mais teatral, para interpretar as emoções exigidas pelo conto.

Após escutar o conto algumas vezes, iniciamos uma discussão sobre ele e sobre um tema intrínseco a ele: a violência contra a mulher. Na mesma formação que estavam, os alunos começaram a relatar situações que já vivenciaram, seja em casa ou na rua, e que atitudes eles haviam tomado. Alguns alunos já tinham passado por situações dentro de casa, mas não podiam fazer nada, pois eram muito novos. Outros relataram que nunca passaram por algo assim, mas caso ocorresse iriam intervir.

Depois da discussão, eu entreguei a eles o conto de forma impressa e uma atividade também impressa, assim não precisaríamos gastar tempo copiando. A atividade foi elaborada por mim e pela minha orientadora, com questões que levassem eles a refletir sobre o conto, como: que palavras entregavam o desfecho ou confirmavam as teorias que eles desenvolveram, e sobre os assuntos intrínsecos, como a violência contra a mulher, já mencionada.

Na sexta (22), como a escola permanecia na semana de provas, só houve aula até o intervalo, então só tivemos uma aula, a primeira, uma vez que na sexta as aulas não eram seguidas e apenas uma delas ocorria antes do intervalo. Como a maioria dos alunos não tinha terminado de responder a atividade passada no dia anterior, eu dediquei essa aula a isso, já que as interações sobre os tópicos no dia anterior tinham seguido bem. Os alunos me chamavam quando tinham alguma dúvida e nós debatíamos.

### 3.3 Terceira semana

Na última semana (de 25 a 29), na segunda (25), a aula foi dedicada à conceitualização do gênero conto, uma vez que eles ainda não haviam terminado a atividade anterior e deixei que eles terminassem em casa. Agora, que nós havíamos trabalhado com conto duas vezes (a primeira havia sido quando a Profa. Selma ficou doente), comecei a aula fazendo uma sondagem, para averiguar o que eles sabiam sobre o gênero, se dentro desse gênero existiam outros subgêneros e o que o diferenciava de outros gêneros. Surpreendentemente uma boa parte da turma participou, os alunos respondiam mesmo quando não tinham certeza, outros lembravam da interação anterior

com contos e foram se baseando por aí. A partir disso, eu comecei a conceitualização dos aspectos presentes em um conto.

Nas aulas seguintes, quinta (28), fizemos a correção do exercício, algumas questões já vinham sendo discutidas desde que a atividade foi passada, mas ainda assim repassamos todas elas e debatemos as outras. Depois, eu dei continuação à conceitualização do gênero.

Uma vez que observei que os discentes se empolgavam mais com jogos, resolvi repetir a experiência para as duas últimas aulas, utilizando o jogo para fazer com que eles interagissem com mais contos e também recordassem o assunto acentuação. Eles se empolgaram ainda mais com esse jogo, uma vez que levei em consideração as “reclamações” que fizeram sobre o outro.

Mais uma vez me surpreendi, não só com o quão participativo eles estavam, como também com o quão bem eles estavam indo, o que significava que mesmo com as dificuldades, o objetivo verdadeiro, que era a absorção dos conteúdos por eles, foi alcançado.

#### 4 Gamificação como estratégia de ensino

Mediante as dificuldades apresentadas durante as primeiras aulas, percebi que deveria tentar abordagens menos tradicionais com os alunos. Desde o início eu sabia que precisava motivá-los de alguma forma, pois era isso que estava faltando. Partindo desse viés, lembrei de exemplos da metodologia ativa que ocorreram dentro da própria universidade e como a proposta de trazer jogos, colocando os alunos como geradores do saber, mesmo sem perceber, é muito proveitosa para o ensino, pois faz com que eles exercitem o que aprenderam de outra forma.

Não é segredo nenhum o quão atrativos os jogos são para os adolescentes e jovens, existem diversos artigos reforçando as contribuições que tais métodos podem trazer. Como citam Japiassu e Rached (2020), a gamificação vem como uma forma de desenvolver o interesse do aluno e evitar a dispersão deles em sala de aula. Ao contrário do que comumente se imagina, a gamificação não necessariamente precisa envolver o aspecto tecnológico, os aspectos gerados pelos jogos como voluntariedade, regras, objetivos, entre outros já ajudam significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

No meu caso, como a escola não dispunha de muitos materiais tecnológicos, eu desenvolvi jogos simples que pudessem ser feitos à mão e que pudessem ser trabalhados sem muita dificuldade.

##### 4.1 Primeiro jogo

Para o primeiro jogo, tentei pensar em algo que gerasse interesse dos alunos e, ao mesmo tempo, fizesse com que eles quisessem usar o que havia sido aprendido em sala. Pensando nesses aspectos desenvolvi um jogo de tabuleiro básico: um caminho, dividido em 7 tipos de casas e cada uma requeria uma resposta diferente. Também levei uma caixinha contendo papéis dobrados, cada um com uma palavra escrita.

Eu iniciei reintroduzindo o que diferenciava palavras Oxítonas (Ox.), Paroxítonas (Pa.) e Proparoxítonas (Pr.), e como identificar qual a sílaba mais forte de uma palavra. Depois dividi os alunos em grupos de 4 pessoas. As casinhas seguiam a respectiva ordem: 1 – De uma caixinha retirar uma palavra e dizer se ela era acentuada ou não; 2 – Dizer uma palavra Proparoxítona; 3 – Dizer uma palavra Paroxítona; 4 – Dizer uma palavra Oxítona; 5 – Da caixinha retirar uma palavra e dizer se ela era Ox,

Pa. ou Pr.; 6 – Zona segura; 7 – Prendas. Um dado era jogado pelo grupo e o número que caísse no dado representava a quantidade de casas que eles deveriam andar, se eles acertassem a resposta permaneciam no lugar, se errassem voltavam duas casas. No momento do erro, os alunos podiam escolher fazer uma das prendas e voltar apenas uma casa. A zona segura só aparecia uma vez no jogo, era uma casa onde os alunos não precisavam fazer nada.

Minha preocupação era se eles aceitariam as “prendas”, uma vez que para solicitações dos professores eles tendiam a ser mais tímidos. Sugeri diversos tipos de prendas, tal como cantar ou dançar uma música, encenar um meme, mas a prenda escolhida por todos foi a de ser pintado por mim. Eu havia decidido levar tinta guache para isso, mas no caminho acabei perdendo a tinta, então fiz com lápis piloto (de quadro) me limitando só aos braços dos alunos, para evitar alguma irritação. Eles gostaram tanto da prenda quanto do jogo, o que fez com que eles tivessem menos medo de responder errado. Mesmo assim, às vezes, eu dava mais de uma chance para eles responderem, já que eles estavam em grupo e podiam surgir respostas diferentes. Lembro que o intuito principal era esse, gerar um debate entre os alunos e fomentar neles a vontade de estudar o conteúdo.

#### 4.2 Segundo jogo

O segundo jogo tinha uma proposta mais parecida com um *quiz*. Mais uma vez divididos em grupos de 4 pessoas, eu entreguei três contos a cada grupo, todos sem títulos e sem a conclusão. Dentre as atividades estavam, na primeira parte: ligar os títulos aos contos, desenvolver verbalmente uma conclusão para o conto, dizer qual o enredo do conto, qual o conflito, qual o tipo de conto e qual o tipo de narrador. Na segunda parte, havia as perguntas relacionadas à acentuação, eles deviam achar palavras nos contos e me dizer em qual das três classificações se encaixavam, Ox., Pa. ou Pr.

As principais diferenças na dinâmica foram o “turno”, como eles haviam reclamado no jogo anterior, eles agora não precisavam esperar “a sua vez chegar”, eles podiam responder de acordo com o próprio tempo; a segunda mudança foi que, ao invés de andar as casas como no jogo anterior, eu anotava em uma folha cada vez que alguém pontuasse, e quem tivesse mais pontos seria o vencedor. E a terceira mudança foi que, agora, existia uma recompensa, para cada resposta certa ganhavam uma balinha de iogurte. Isso fez uma diferença crucial. Durante o processo até achei que eles nem se importariam com as balinhas, por ser algo simples, porém para eles era como se eu estivesse lhes dando algo muito valioso. A partir do momento que eles me viram entregando uma balinha para um menino que acertou uma das respostas a sala se transformou, todos queriam responder, quando eu sinalizava para um grupo responder, outro gritava que havia levantado a mão primeiro, eles realmente se dedicaram ao jogo.

Em um momento, a competitividade foi tão grande que os alunos me cercaram, eles queriam ter certeza que eu ia ouvi-los, eles não queriam mais deixar os outros colegas falarem. Eu precisei mais de uma vez parar o jogo e pedir para que eles voltassem para os seus lugares. O resultado foi muito positivo em relação à motivação para com o assunto.

### 5 Aprendizados ao longo da experiência

Ao longo do curso de Letras, temos mais de uma disciplina teórica preparatória para o estágio, duas disciplinas de psicologia, uma disciplina sobre os fundamentos da prática educativa, uma disciplina sobre paradigmas de ensino e uma sobre planejamento

e avaliação, mas nada se compara com a experiência prática. Há certos ensinamentos que apenas os arcabouços teóricos não dão conta, coisas que não podem ser sistematizadas. Tardif (1991) chama isso de “Saberes da experiência”, conhecimentos práticos que só surgem durante a prática cotidiana da profissão docente.

Como cita Diniz-pereira (2010), a prática não pode nunca ser dissociada da parte teórica, já que elas são complementares. Então, apesar de já há alguns anos estudar sobre o assunto, não posso dizer que estava preparada para a prática, nem que teria como estar preparada. O que nós professores enfrentamos na sala de aula é algo único e que só a teoria não suporta.

Por não ter o fator “troca entre pares” (aluno-supervisor) durante a experiência prática, eu não me senti como uma estagiária, eu simplesmente tive que assumir o papel de professora para os alunos, mesmo sem nunca ter feito isso. Então, eu tinha em mente que não tinha tempo suficiente para me dedicar a conquistar a turma, eu não podia adiar o conteúdo. Eu tinha que tentar conciliar as duas coisas, daí também a ideia de trazer formas mais dinâmicas de apresentar o conteúdo.

Durante todo esse período de estágio, eu percebi muitas coisas. Uma delas é que por mais que eu saísse da sala esgotada, pensando em como ia fazer para que os alunos quisessem aprender, eu sempre voltava para ela com esperança de que eu ia conseguir mudar alguma coisa ali. Meu foco era fazer com que eles quisessem participar das aulas, converter toda a energia deles para os estudos de alguma forma. Não vou dizer que consegui fazer isso cem por cento, mas para uma primeira experiência, sem supervisão presente em sala e com uma turma bem energética, eu considero uma experiência satisfatória.

A experiência dos jogos foi extremamente produtiva e gratificante, foi algo que fez com que eles quisessem aprender o assunto, acredito que essa metodologia seja perfeita para fixação do conteúdo e para gerar motivação nos alunos. Foi divertido para os alunos e para mim, pude vê-los gostando de interagir com o assunto.

Sem dúvida a minha perspectiva do estágio mudou, partindo dessa primeira experiência, já estou começando a gerar hipóteses do quê e como trabalhar com os alunos nos próximos estágios, mesmo que de forma um pouco superficial, já que não conheço as turmas ainda. Isso de forma alguma indica que já estou preparada e que o próximo estágio será mais fácil; acredito que cada prática será única e trará um aprendizado diferente.

O estágio é realmente uma experiência transformadora, tanto como pessoa, quanto discente. O aprendizado que ganhei no período prático do estágio será sempre referenciado durante as aulas teóricas, inclusive gerando conexões melhores com os textos teóricos, uma vez que agora entendo um pouco de onde vêm essas fundamentações.

## Considerações finais

Mais do que nunca percebo a importância de um componente curricular como o estágio para nos preparar para o ensino, não há outro igual. Por ter passado pelas principais disciplinas preparatórias durante o período remoto, foi uma experiência muito nova, para mim, estar em contato com os alunos e com o sistema de ensino do estado da Paraíba

Devo confessar que não me senti nada preparada quando o período de prática começou. Durante a observação, eu estava completamente segura, para mim, estava me adaptando bem à turma, interagindo bastante com os alunos, mas logo no primeiro

momento de prática, quando a professora ficou doente e eu tive como função substituí-la, toda a perspectiva mudou. Inicialmente, eu interpretei como um sinal de “eles não me consideraram como professora, apenas uma “estagiária”, como se eu não tivesse “moral” para com eles. Porém, no último dia de aula, descobri que não era esse o problema, a maior parte dos alunos na verdade me considerava a nova professora, eles inclusive achavam que eu estava sendo paga para estar ali com eles. O que poderia ter causado o problema de insubordinação na aula seria o fato de eles me considerarem muito jovem e, por isso, acharem que seria mais fácil para eles terem o controle da turma.

Então, apesar de todos os desafios, falta de supervisão em sala de aula, turma em faixa etária atípica, mudanças de horário na escola, e a dificuldade para planejar as aulas de forma sequencial, aprendi verdadeiramente a importância do estágio, o quanto esses desafios me moldam como professora e me preparam para novos desafios. Aprendi também a importância de tentar abordagens novas e não ter medo de mudar mais uma vez caso elas não funcionem.

Ao fim, não me sinto mal pelos meus erros, que sei que devo ter cometido em alguns momentos, pois penso no estágio como uma experiência necessária para nos desenvolvermos como professores, consigo olhar para trás e ver as coisas que eu manteria, as que adaptaria, e as que não repetiria. A parte dos jogos eu manteria, acho que aprender de forma lúdica é muito valioso, conseguir passar o conteúdo e divertir os alunos ao mesmo tempo enche o professor de prazer. Com certeza evitaria copiar o assunto no quadro, pois é algo que toma muito tempo da aula, que acho que poderia ser aproveitado de outra forma, então, tentarei abordar algo que esteja no livro didático deles.

Uma das reflexões que mais me marcou é que o período de estágio é muito curto, visto o tempo que ainda temos que nos preparar para cada aula. Quando comecei a me conectar com a turma, foi o momento que ele chegou ao fim. Sentirei falta da minha turma, mesmo com todas as dificuldades, e espero ter marcado os alunos de alguma forma, tanto quanto eles me marcaram.

## Referências

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A epistemologia da experiência na formação de professores: primeiras aproximações. **Formação Docente**, v. 02, n. 02, p. 83-93, 2010.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A prática como componente curricular na formação de professores. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 203-218, 2011.

JAPIASSU, Renato B.; RACHED, Chennyfer D. A. A gamificação no processo de ensino-aprendizagem: uma revisão integrativa. **Revista Educação em Foco**, n. 12, p. 49-69, 2020.

TARDIF, Maurice et al. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.